Àbíkú - a palavra já diz tudo:
A = Nós; Bi = Nascer; Ku = Morrer
[Nós nascemos para morrer]

No Orun; um mundo paralelo que nos rodeia, onde vivem Deuses e Antepassados, palavra facilmente traduzível por Céu; mora um grupo de crianças chamado Egbe Orun Abiku - as crianças que nascem para morrer em curto espaço de tempo, gerando grande sofrimento para as suas famílias.
As meninas são chefiadas por Oloiko [chefe de grupo] e os meninos por Ìyájanjasa [a mãe que bate e corre].
A permanência dos Abiku ou Emere é condicionada a um pacto que fazem na vinda do Orun para o Aiye [a Terra] com Onibode Orun, o porteiro do Céu. Este pacto é cumprido rigorosamente pelos Abiku, uma criança cujo acordo for não nascer, realmente não nascerá; outra que combine voltar quando romper seu primeiro dente, terá morte súbita, por acidente ou por doença, horas ou dias após o aparecimento deste dente.
Quando uma criança Abiku nasce, seu par, aquele seu companheiro mais chegado no Orun, começará a interferir em sua vida, atormentando-a, aparecendo-lhe em sonhos, a fim de que não se esqueça de seus amigos do Orun e rapidamente volte para eles, assim que houver cumprido o seu pacto.
Várias histórias de Abiku nos são relatadas nos Itan Ifá, pelos odú Odi, Obara, Ejiogbe, Irete-Irosun, Otura-Rete, Iwori-Wosa entre outros [Tradição oral].
A primeira vez que os Àbíkú vieram para a Terra foi em Awaiye, rei de Awaiye, num grupo de duzentos e oitenta, trazidos por Alawaiye, rei de Awaiye e chefe deles no Òrun. Na vinda para a Terra, todos pararam no portal do Céu e vários pactos foram feitos. Eles voltariam ao Òrun quando:- Vissem pela primeira vez o rosto de sua mãe;
- Casassem;
- Completassem 7 dias de vida;
- Tivessem novo irmão;
- Construíssem uma casa;
- Começassem a andar. E nenhum queria aceitar o amor de seus pais, e os presentes e mimos seriam insuficientes para retê-los na Terra, e talvez alguns absolutamente não nascessem.
Esta primeira leva de crianças Àbíkú combinaram entre si também roupas, rituais, chapéus e turbantes, tingidos de òsun que teriam valor simbólico de 1.400 búzios e que, se seus pais adivinhassem estas roupas e dessem-nas como oferendas, poderiam segurá-las na Terra.
As roupas seriam colocadas penduradas nas árvores do Bosque Sagrado dos Àbíkú, em Awaiye, e seus pais fariam anualmente uma festa, com tambores e cantigas, para alegrar os Àbíkú, que seriam untados com òsun, e não voltariam mais ao Òrun, rompendo assim o pacto feito, e seu vínculo com o Egbe Òrun Àbíkú.

Outras histórias são contadas por Òrúnmìlà sobre crianças que, depois de várias idas e vindas entre o Céu e a Terra, puderam ser conservadas vivas, devido a seus pais terem consultado Ifá e feito os Ebo determinados por Òrúnmìlà, trocando ou acrescentando um nome que os desanimassem de morrer novamente, usando folhas sagradas em fricções nos seus corpinhos, para afastar os outros companheiros Àbíkú, colocando em seus tornozelos

Sawooro , fazendo em seus corpos pequenas incisões, e através delas inserindo pó preto e mágico de uma mistura de folhas, e com este mesmo pó enchendo um amuleto de couro em forma de pequeno saco, chamado Óndè que seria preso à cintura da criança.
Alguns Àbíkú também deveriam colocar em seus tornozelos pesadas argolas e correntes que não os deixariam fugir para o Òrun. As oferendas eram feitas como recomendavam os Itan Ifá - troncos de bananeira, cabras, galos, pombos, roupas e chapéus tingidos com òsun, alimentos, guizos, búzios, doces, bebidas, a serem entregues no Bosque Sagrado, ou enterrados à margem de um rio, ou soltas nas águas.
Estes Ebo possibilitariam aos pais reter seus filhos na Terra, e eles não morreriam mais.
Porém, se apesar das oferendas, os chefes das Comunidades Àbíkú, Oloiko e Iyajanjasa insistissem em vir à Terra em busca de suas crianças, e conseguissem levá-las de volta ao Òrun, os pais deveriam marcar seus corpos com cortes, ou mesmo mutilá-los ou queimá-los, para que seus pares no Òrun não os reconhecessem ou aceitassem de volta. Também pelas marcas seriam reconhecidas quando voltassem à Terra e não quereriam mais nascer.
Nas terras de ancestralidade Yorùbá, uma mãe que perde vários filhos antes ou depois do nascimento, por morte brusca, súbita ou inexplicável, procura um Bàbáláwo e descobre estar dando a luz a uma criança Àbíkú, que pode nascer e morrer inúmeras vezes impedindo-a também de ter filhos normais.
O Bàbáláwo indica a necessidade de Ebo, o uso de folhas, procedimentos estes usados para afastar o Àbíkú, se os filhos da mulher estiverem mortos, e para que ela possa gerar crianças perfeitas. Ou para reter a criança na Terra e romper seu vínculo com o Òrun, mantendo-a viva.
Até que a criança complete nove anos, sempre próximo à data do seu aniversário, determinadas oferendas serão feitas e depois repetidas até o Àbíkú completar dezenove anos.
A criança deverá usar roupas especiais, com enfeites e cores específicas, seu nome deve ser mudado ou a ele acrescentado outro, que desestimule sua volta ao Òrun.
Guizos em quantidade devem ser presos a seus brinquedos, roupas, tornozelos, pulso, pois o som dos guizos faz bem ao Àbíkú e afasta os amigos do Céu.
A fava Éerù, no Brasil chamada Bejerekun, deve ser usada em banhos e chás, pacificando a criança, Efun também pode ser utilizado para acalmá-la.
As folhas são usadas em fricções ou banhos, e com elas é feita a mistura mágica com a qual se protege a criança e se prepara o amuleto, que o Àbíkú carregará por toda a sua vida.
O corpo da mãe também deve ser defendido e esfregado com folhas, para que ela não atraia uma nova criança Àbíkú.
Se a mãe tiver também problemas com Egbe, chamada Eleeriko, uma deusa considerada o feminino de Egungun, que atormenta as crianças, marcando-lhes o corpo durante a noite, ela será avisada de que deve zelar por Egbe, entregando-lhe cabaças com oferendas no rio, e louvando-a a cada quinto dia.
Também um altar com símbolos religiosos poderá ser instalado na casa, e anualmente serão feitas festas com sacrifícios de animais, tambores e dança.
Nem toda criança Àbíkú é atormentada por Egbe que também pode dar filhos às mães que a louvam.

Há alguns Orìkí de Egbe que demonstram bem esta ligação. Este que damos a seguir é de Ibadan, e é uma súplica para que Egbe envie crianças sadias que não sejam Àbíkú ou Emere.

Mãe, proteja-me, eu irei ao rio
Não permita Emere seguir-me em casa
Mãe proteja-me, eu irei ao rio
Não permita que uma criança amaldiçoada siga-me em casa
Mãe proteja-me, eu irei ao rioNão permita que uma criança estúpida siga-me em casa
Olugbon morrei e deixou filhos atrás dele
Arega morreu e deixou filhos atrás dele
Olukoyi morreu e deixou filhos atrás dele
Eu não poderei morrer sem deixar filhos atrás de mim
Eu não poderei morrer de mãos vazias, sem descendentes [1].

No Brasil, porém, o termo Àbíkú, dito "Abikum" tem significado totalmente diverso. A mãe que entra grávida para o processo de iniciação, dá a luz à uma criança que já nasce "feita pronta", sem necessidade da tonsura ritual. Quando esta criança completa sete anos, sacrifícios são feitos para seu Òrìsà, sua cabeça é recoberta por uma cabaça antes que o sangue seja derramado, pois sobre a cabeça de uma criança "Abikum" o sangue não deve correr.
Esta criança nunca estará sujeita a um transe de possessão por um Òrìsà, a ela estarão vetadas a maioria dos cargos dentro da hierarquia sacerdotal brasileira. Ao mesmo tempo, ela já nasce com um posto honorífico, o de "feita sem ter sido raspada", e é tido com certo que nenhum mal físico ou espiritual poderá atingi-la.
Dizem também alguns sacerdotes que as crianças que nascem em datas determinadas são "Abikum". E, sendo assim, pais e mães ambiciosos, programam seus filhos para que nasçam nestes dias, e até mesmo operações cesarianas são realizadas, para adequar a chegada ao mundo das crianças às datas de nascimento apropriadas para "Abikum".
O modo de encarar a pessoa "Abikum" muda de casa para casa, podendo ser acrescentados ou eliminados detalhes dessa explanação.
Os pais e mães de Òrìsà brasileiros deveriam reavaliar seu conceito sobre crianças Àbíkú, uma vez que estes nascimentos ocorrem não só na terra Yorùbá, elas nascem em todo o mundo e no Brasil também. É imperioso também que se instruam sobre todo o ritual sacro a ser realizado dentro da problemática Àbíkú.
Vários povos ao redor do Golfo de Guinéa tem a mesma crença nos Àbíkú, embora dêem à eles nomes diferentes. Os Nupe chamam-nos de Kuchi ou Gaya-Kpeama. Entre os Ibo, são chamados Ogbanje ou Eze-Nwanyi ou Agwu ou ainda Iyi-Uwa Ogbanje. Já os Haussa chamam-nos Danwabi ou kyauta. Os Akan denominam a mãe de um Àbíkú Awomawu e entre os Fanti são conhecidos por Kossamah.
Famílias que já perderam um ou mais filhos, tendem a buscar na religião um consolo e uma explicação para estas mortes, e é dever da Tradição de Òrìsà e do Candomblé Ketu, estar apta para oferecer, além de um amparo religioso que diminua o sofrimento dos pais, uma solução para que tal tragédia não mais ocorra.

Temos muita pouca literatura em português sobre o assunto, talvez apenas a tradução de um excelente artigo de Pierre Verger, publicado em 1983 na Revistas Afro-Asia no 14, com uma explanação ampla sobre Itan Ifá, Oruko Àbíkú, folhas e Ofo do qual farei citações literais mais adiante.
Outros autores africanos, franceses e ingleses falam sobre o assunto, em considerações superficiais ou profundas, mas suas publicações não estão disponíveis para a quase totalidade do sacerdócio brasileiro.
O fato de não possuirmos no Brasil local determinado, como a Floresta Àbíkú de Awaiye, não nos impede de sacralizar parte de um bosque para receber as oferendas das famílias das crianças Àbíkú.
Tomando por base as recomendações do Itan Ifá, um Ebo poderá ser montado com um pedaço de tronco de bananeira, roupas e gorros tingidos de òsun e bordados de guizos e búzios, pratos com comidas [Iyan; Akara; Ekuru; Eko; Doces; Canjica; Frutas; Mel; Guizos; Bebidas; Animais; Cabra; Pombo; Galo; Folhas].
As roupas serão colocadas nos galhos da árvores, as comidas e oferendas ao redor no chão, ou monta-se um carrego como para a morte, embrulhado em pano branco, que será enterrado ou solto nas águas de um rio.
Não é necessário o uso de palavras, pois só o fato dos pais saberem qual o significado da oferenda secreta é suficiente para dar força mágica ao Ebo.
Nada porém dever ser feito sem confirmação e autorização de Òrúnmìlà, pois só a ele cabe nos orientar em nossas dificuldades e dúvidas.
As folhas são colhidas como oferenda e utilizadas para fazer fricções no corpo, ou na feitura de pós mágicos que serão esfregados nas incisões no corpo e rosto dos Àbíkú, e na confecção de amuletos (Onde) ou para banhos rituais, Cada folha tem sua frase mágica, chamada Ofo, que aumenta seu poder de atuação no Ebo.
As crianças Àbíkú devem, no sétimo dia a partir do nascimento, se forem meninas, ou no nono dia, se forem meninos (se for o caso de gêmeos, o dia certo é o oitavo) passar pelo ritual de Ikomojade , quando recebem um nome específico que desestimule sua volta ao Òrun. Nesta cerimônia são usados água, dendê, sal, mel, obì, peixe, gin, atare.
Os nomes Àbíkú negam a morte e contam a doçura e a alegria da vida. Contam também como a Terra é bela e boa para se viver. Deve-se sempre chamar a criança por este nome, que pode ser incorporado oficialmente ou não aos seus outros nomes e sobrenomes. Isto também ajuda no rompimento do vínculo com o Egbe Òrun Àbíkú.
Como a descoberta do pacto é algo difícil, sempre próximo ao dia do aniversário da criança, até que esta complete 19 anos ou pelo prazo que o Ifá determinar, devem ser feitas oferendas nos locais sacralizados, acompanhadas ou não de Ebo a Egbe Eleriko.
Para Òrìsà Egbe se colocam, em uma grande cabaça, os seguintes elementos: Ovos; Akasa; Iyan; Akara; Eba; cana-de-açúcar; Obi; Éerù, Ekodide; Bananas; Àádun; Doces - em um número de 1 ou 6. Esta cabaça é fechada, colocada em um saco e solta num rio, com acompanhamento de rezas e cantigas.
Os Àbíkú não são, como querem certos autores ou sacerdotes, seres maléficos, que tem por "missão" causar sofrimento às suas mães.
Eles carregam consigo, por causa de seu constante morrer/renascer, o peso de Iku, a morte, e são seres divididos entre a vontade de ficar na Terra com suas famílias e o desejo e a obrigação de retornar ao Egbe Òrun.

O Bàbálòrìsà ou Ìyálòrìsà, tenho verificado que uma criança é Àbíkú, deve estar preparado para contornar a natural reação dos familiares, de medo, susto, repulsa e mesmo horror, porque a primeira impressão de pais não habituados ao assunto, é crer que o sacerdote coloca seu filho em uma classificação espiritual de maldade e perversão. Também o risco iminente de uma morte súbita apavora a família que tende a reagir com agressividade ou incredulidade, e quer garantias infalíveis e imediatas que isso não é verdade, por quaisquer meios.
Portanto, é necessário que se explique aos pais o problema, e que se dê ao mesmo tempo soluções adequadas, que se cite casos e exemplos, naturalmente sem falar em nomes ou detalhes desnecessários, a fim de que os familiares concordem em ser totalmente esclarecidos e orientados para uma solução definitiva. Explicar também que oferendas "podem" reter o Àbíkú na Terra, se feitas corretamente, mas antes que tenha sido o pacto identificado e rompido, a oração e a crença profunda nos Òrìsà é de grande valia.
Mães que já tenham perdido filhos Àbíkú devem ser avisadas da necessidade de oferendas para que o Àbíkú não volte a nascer de seus corpos e elas possam dar à luz crianças normais.
Por vezes o nascer e morrer inúmeras vezes de uma criança pode abalar física e psiquicamente a Mãe e recursos médicos e terapêuticos "nunca" devem ser abandonados. Pelo contrário, sua utilização deve ser incentivada, em combinação com o tratamento espiritual.
Os pais não devem considerar isso com "castigo", "karma", "feitiço" ou outras explicações engendradas pela falta de conhecimento. Para isso o sacerdote deverá esclarecê-los e pacificá-los com a solidez e peso de seus argumentos.
Assim, no Brasil, como nos países Yorùbá, a problemática Àbíkú será contornada e menos pais serão vítimas de sofrimento causado pela morte de seus filhos.

ÀBÍKÚ são espíritos de crianças marcadas por várias mortes e retorno, reunindo-se num pé de Irocô para brincar e chamar as crianças-àbíkú vivas.

As mortes destas crianças geralmente foram mortes violentas, acidentes com mutilações ou comprometimentos de órgãos.

Se encaixam nesse grupo os que foram vítimas de homicídios, principalmente com requintes de crueldades.
Crianças vitimas de abortos, crianças abusadas fisicamente e mentalmente.

A crença de que os ÀBÍKÚS são entidades maléficas, se da em parte ao problema físico que em muitos casos eles ocasionam para suas mães.

O motivo não é difícil de entender.



Muitas dessas crianças foram rejeitadas em outras ocasiões, sofreram com abortos provocados, atrocidades das mais diversas e reconhecendo as futuras mães, pais e parentes e até mesmo nos seus irmãos elementos que criaram problemas no passados tentam de alguma forma vingarem-se.

Muitas vezes a mesma criança organiza seu nascimento várias vezes, deixando o corpo inerte em seguida, outros não chegam a nascer e ou quando nascem e ficam alguns meses, partem para o orun.

ÀBÍKÚ ou eméré formam sociedades no céu (**egbé òrun**), presididas por Iyajansa (a mãe-se-bate-ecorre) para os meninos e olókó (chefe da reunião) para as meninas mas é Aláwaiyé (Rei de Awayé) que as levou ao mundo pela primeira vez na sua cidade de Awaiyé. Lá se encontra a floresta sagrada dos ÀBÍKÚS, aonde os pais de ÀBÍKÚS vão fazer oferendas para que eles fiquem no mundo.

Quando eles vêm do céu para a terra, os ÀBÍKÚS passam os limites do céu diante do guardião da porta, o aduaneiro do céu onjbodé òrun, seus companheiros vão com ele até o local onde eles se despedem.

Os que partem declaram o tempo que tencionam ficar no mundo e o que farão. Se prometem a seus companheiros que não ficarão ausentes, essas crianças, apesar de todos os esforços de seus pais, retornarão, para encontrar seus amigos no céu.

Quando Aláwaiyé levou duzentos e oitenta ÀBÍKÚS ao mundo pela primeira vez, cada um deles tinha declarado, ao passar a barreira do céu, o tempo que iria ficar no mundo. Um deles se propunha a voltar ao céu assim que tivesse visto sua mãe; um outro, que iria esperar até o dia em que seus pais decidissem que ela se casasse; um outro, que retornaria ao céu, quando seus pais concebessem um novo filho, um ainda não esperaria mais do que o dia em que começasse a andar. Outros prometem a Iyàjanjasà, que está chefiando a sua sociedade no céu, respectivamente, ficar no mundo sete dias, ou até o momento em que começasse a andar ou quando ele começasse a se arrastar pelo chão, ou quando começasse a ter dentes ou ficar em pé. Resumindo: cada um fez uma promessa.



Nossas histórias de Ifá nos dizem que oferendas feitas com conhecimento de causa são capazes de reter no mundo esses ÀBÍKÚS e lhes fazer esquecer suas promessas de volta, rompendo assim o ciclo de suas idas e vindas constantes entre o céu e a terra, porque, uma vez que o tempo marcado para a volta já tenha passado, seus companheiros se arriscam a perder o poder sobre eles.

Os ÀBÍKÚS encarnados se perderem o tempo proposto para voltar ao Orun, criam uma situação de atrito com os que ficaram esperando, então, devemos fortalecê-los para evitar que, os que esperam não possam mais influenciar os encarnados.

A influência pode ser de várias maneiras, desde de sonhos, pesadelos, acidentes inesperados, estados de demência mental, atrofia de membros, vampirismo, estímulos ao agrupamento com mentes deturpadas e desequilibradas, pois embora sejam entidades definidas como crianças sabemos que sua forma engana, pois é uma energia espiritual tanto quanto a de um adulto, apenas a forma esta condensada, compactada numa visão etérea, infantil, tendo plena condições de obsessões ferrenha, que para eles tem justificativa.

Trabalho bem organizado para os que ficam, ou melhor; devam ficar e para os que estão lá pode fazer com que os encarnados encontre motivos, um outro caminho, estimulados pelo mecanismo das oferendas, que devem ser tanto para os encarnados como engambelo para os que estão no plano espiritual.

Os pais tem que saber, desmistificar e por em prática os ensinamentos para a má sorte poder ser modificada, numa certa medida, quando certos segredos são conhecidos.

É importante identificar o ÀBÍKÚ, seu passado, para entender o que pretende fazer. No caso, as condições nas quais o ÀBÍKÚ deixou o mundo em outra ocasiões. Esta noção sobre a importância de conhecer certos segredos é também expressa no conhecimento que se tem quando os ÀBÍKÚS combinam a chegada no aiê.

A fraternidade de meninos e meninas fazem suas combinações de códigos que se forem quebrados obrigam eles a ficarem no plano terrestre, o que seria para eles um castigo, portanto eles não deixam que suas combinações sejam descobertas pois furaria o acordo entre eles e os colegas que estão no orun .

Quando um encarnado souber, fará o necessário para que eles quebrem a palavra. É por isso que Ifá, quando consultado, orienta oferendas que furam o bloqueio secreto dos ÀBÍKÚS.

Essas oferendas são penduradas nas árvores acompanhadas de pratos de alimentos e doces.

As cerimônias serão feitas todos os anos, durante sete anos seguidos, e sempre observado pelo BABA, que poderá após consulta a Ifá determinar os axés até vinte e um ano.

Outras determinações pedem axé todos os anos até vinte e um e de sete em sete até quarenta e nove anos, quando ficará definitivamente no meio da família.

Tais oferendas são, com efeito, uma forma de expressão sem acompanhamento de palavras articuladas; o discurso é substituído pela apresentação dos objetos, provando que a oferenda conhece os segredos, fazendo-o assim participar do pacto dos ÀBÍKÚ.

Entre as oferendas que podem variar desde trajes de roupas, brinquedos, folhas, frutos, comidas diversas inclusive a que a entidade ÀBÍKÚ gostava em alguma fase de sua anteriores reencarnações, buscando sempre colocar ele em condições de se reeligar com os encarnados e desligar-se do reino antecedente.

As ofertas constituem uma espécie de mensagem, é acompanhada por encantamentos.

A intenção é através de rituais afastar os antigos companheiros e dar motivo para o encarnado continuar no meio, apoiado material e permanente na mensagem dirigida pelos elementos protetores contra os elementos hostís, sendo essa forma de expressão menos efêmera do que a palavra .

Quando existe a necessidade, são colocados xaorôs, anéis providos de guizo, usados nos tornozelos pelas crianças ÀBÍKÚS para afastar os companheiros que tentam no mundo, lembrar-lhes suas promessas.

De fato, seus companheiros não aceitam assim tão facilmente a falta de palavra dos ÀBÍKÚS, retidos no mundo pelas oferendas, encantamentos e talismãs preparados pelos pais, de acordo com o conselho dos babalaôs.

0s membros da sociedade dos ÀBÍKÚ, **egbé ará òrun**, vêm do céu residir nos lugares pantanosos ou nos regatos, donde chamam as crianças que querem ficar no mundo, como também a volta da árvore IROCO.

Mas nem sempre precauções e oferendas são suficientes para reter as crianças sobre a terra.

Iyájanjasa é muitas vezes mais forte. Ela não deixa agir o que as pessoas fazem para os reter.

Os corpos dos ÀBÍKÚ que morrem, são frequentemente mutilados, a fim de que, seu perispírito, dizem, percam seus atrativos e seus companheiros no céu não queiram brincar com eles, sobretudo para que o espírito do ÀBÍKÚ, maltratado deste modo, não deseje mais vir ao mundo.

É importante, que uma criança quando identificada como sendo um ÀBÍKÚ, receba o tratamento adequado, para que se mantenha com força suficiente de alcançar a maturidade e o esquecimento total dos laços antigos.

O esquecimento parcial gira em torno de 17 anos e o total 49 anos de idade, logicamente depende da qualidade e força vibracional dos ÀBÍKÚS envolvidos, da maneira que serão administrados os axés, o meio ambiente, os laços familiares.

Às crianças ÀBÍKÚS que conseguem sobreviver, são dados nomes específicos que fazem referência à sua especial condição de nascimento.

Isto deverá ocorrer sempre, no sétimo dia depois de seu nascimento - se for menina, ou no nono dia - se for menino. No caso de gêmeos, os nomes serão dados no oitavo dia após o nascimento. Esta festividade que comporta um ritual é denominada Ikomojade, e tem por finalidade principal, dar aos ÀBÍKÚS, mesmo que de maneira discreta, nomes que desestimulem sua volta ao Orun, alguns dos quais de conhecimento geral, relacionamos em seguida:



Age Igba - que a riqueza não se perca.

Aiye Dun - a vida é doce.

Aiye Lagbé - ficamos no mundo.

Apaara - freqüenta minha casa.

Apara - aquele que vai e vem.

Akisotan - não existe mais mortalha para o sepultamento.

Akuji – o que está morto, desperta.

Ajuki - o morto viverá.

Amatunde – o menino que retorna.

Ayomu mo - vai pra o céu e volta.

Bajoko – senta-se ao meu lado.

Banjokô - sente-se e fique comigo.

Buro-Orí-Iké - fica, espere e veja como serás mimado.

Duro – me atende e fica.

Duro Joyé – continua a gozar a vida.

Durosimi - espere para me enterrar quando eu morrer .

Ebe Loko – implora pra ficar.

Ení Lolobo – alguém partiu e voltou.

Enú- Kún-Onipê - o consolador está cansado .

Igbe Koyi - nem a floresta quer você- a selva rejeita essa criança.

Jekiniyin - permita que eu tenha um pouco de respeito.

Jekin-niyin – me dá seu preço.

Ifari – chamemo-lhes.

Iletan – está acabado.

Inu Kuno naipe – estou cansado (a) de receber pêsames.

Ikú Faryin – a morte perdoa.

Ikú Okura – a morte é apenas um nome.

Kaje Yu – não é aceito pra morrer.

Kike – indulgente.

Kokun – não morras mais.

Koni Bi Re – não vai lá.

Kosile – não vai enterrar mais.

Kosokó - não existe mais terra- a terra acabou.

Kosoko – não vai cruzar o túmulo.

Kumipayi – Kuti – a morte não mata mais este aqui.

Maku – não morre mais.

Malómo - não vá embora novamente.

Matnami – não larga mais a vida.

Obi Mesan – não vingarás.

Okú - o morto.

Oku se Hiyn – o morto que retorna.

Omotundé – a criança voltou.

Orun Kun – o céu está cheio.

Ratini – suporta-me.

Sinmi – é difícil ficar enterrado.

Shome – difícil fazer as crianças permanecer.

Tijú-Icú - envergonhe-se de morrer.

Tijuiko – vergonha da morte.

Tomi Mowo – quem sabe como cuidar.

Toyé – se ficares, receberás homenagens.

Wojú – difícil olhar para os meus olhos.

Como se vê, os nomes ÀBÍKÚ renegam a morte e a possibilidade de retorno ao Egbe Orun. Ressaltam a vida e o quanto é bom desfrutar das coisas existentes sobre a Terra, principalmente o amor dos pais e irmãos. Estas crianças devem ser chamadas, sempre, por estes nomes, o que ajuda o rompimento definitivo do seu vínculo com o grupo Emeré.

Periodicamente oferecem-se comidas ritualísticas às crianças ÀBÍKÚS, o que acontece, invariavelmente, por ocasião de seus aniversários natalícios, produzidas principalmente, com feijões e óleo de palma. Acredita-se que durante estes festivais, os espíritos ÀBÍKÚS se apresentam e, ao participarem

do evento, são apaziguados.

Por eles não terem templo, assentamentos, ou local específico para receberem homenagem, mas da mesma forma que entidades outras sentem a necessidade de quando estavam encarnados, os ÀBÍKÚS sofrem de fome, sede e frio, uma vez que ninguém oferece o sacrifício para eles e eles, nem rituais especiais para ajudarem a se equilibrar energeticamente, propiciando melhorar sua condição de entrada os corpos de bebês recém-nascidos.

O alimento normalmente dado aos ÀBÍKÚ, o caruru tradicional oferecido aos ibeji.

Este caruru não é outra coisa senão o obèlá da cerimônia dos ÀBÍKÚ e preparado do mesmo modo. Oká (pasta de inhame). Obèlá (espécie de caruru). Èkuru (feijão moído e cozido nas folhas). Eran dindi, eja dindin (carne e peixe fritos). .

Em sua prece a tanyinon tinha evocado Sàlàkó, que com Tàlàbi são os nomes dados aos meninos e meninas que vem ao mundo com pedaços de membrana rompida sobre a cabeça; circunstância excepcional do seu nascimento que os aproxima da sociedade dos ÀBÍKÚ .

Os espíritos ÀBÍKÚ formam um grupo denominado Egbe Orun Abíkú, que habita o mundo paralelo que nos rodeia, o Orun, morada dos deuses e dos antepassados.

No Orun, termo que pode ser corretamente traduzido para céu, este grupo de espíritos dividem-se em categorias, de acordo com o sexo, sendo que os pertencentes ao sexo masculino são chefiados por Oloiko (Chefe do grupo) e os de sexo feminino, por Iyajanjasa (A Mãe que bate e corre).

Na sua vinda do Orun para o aiye (terra), os espíritos, também conhecidos como Emere, estabelecem um pacto com Onibode Orun, o guardião dos portais do Orun, condicionando sua permanência no nosso mundo, a determinadas exigências.

Convém reafirmar a situação do vampirismo, das obsessões, podemos assim dizer, exercido pelos ÀBÍKÚ desencarnados, é de extrema violência, podendo em muitos casos, levar uma criança de tenra idade a ter sofrimentos que seriam perturbadores até para adultos. Também a possibilidade desta crianças assediadas pelos ÀBÍKÚS desencarnados sofrerem acidentes que lhe causem mutilações , sofrimentos temporários ou definitivos, tanto no campo mental como físico, é muito grande e de grande constrangimento para todos que estão a volta, como tutores da criança ÀBÍKÚ reencarnada.

As pessoas diretamente ligadas a elas, sofrem ou são afetadas pelas vibrações dos desencarnados, tornando-se involuntariamente instrumentos em muitos casos de torturas, sofrimentos para o encarnado ÀBÍKÚ, assim de maneira involuntária, estimulam eles a desertarem da ação vigente. Além claro do constante sentimento de impotência e culpa, que em muitos casos chegam a

raia da loucura, da depressão, pois não conseguem uma explicação lógica.

Pior quando pressentem que um perigo esta eminente e não conseguem entender o que e como possa acontecer.

É aconselhável, portanto, que se faça um ebori na criança ÀBÍKÚ ficando uma pessoa responsável, que deverá chama-lo sempre de MEU FILHO, independente do grau de parentesco que tenha. Este ebori deverá ser cuidado e de inteira responsabilidade da pessoa escolhida.

Geralmente é aquela que tenha ligação espiritual com o grupo ÀBÍKÚ, que na maioria das vezes, são filhos de XANGÔ, NANÃ, IANSÃ e OXALÁ, e claro, não esquecendo da mãe de todas as cabeça IEMANJÁ.

Estas pessoas serão encarregadas de conduzir as vibrações de equilíbrio destas crianças até alcançarem a idade em que estará liberta das perseguições dos ÀBÍKÚ companheiros de outra vida.

A criança ÀBÍKÚ quando desencarna a partir dos 54 anos, não mais estará vinculada aos grupos de origem, no entanto durante sua vida deve estar preparada quando tornar-se progenitor de observar a entidade que esta na ronda.

Sempre dias depois do nascimento da criança filha de ÀBÍKÚ, realiza-se a cerimônia de dar o nome, denominada ekomojadê, quando o babalawo consulta o oráculo para desvendar a origem da criança. É quando se sabe, por exemplo, se tratar de um ente querido renascido.

Os nomes podem referir-se ao seu orixá pessoal, geralmente o orixá da família, ou à condição em que se deu o nascimento, tipo de gestação e parto, sua posição na seqüência dos irmãos, quando se trata, por exemplo, daquele que nasce depois de gêmeos.

A partir do momento do nome, desencadeia-se uma sucessão de ritos de passagem associados não só aos papéis sociais, como a entrada na idade adulta e o casamento, mas também à própria construção da pessoa, que se dá através da integração, em diferentes momentos da vida, dos componentes do espírito.

Com a morte, estes ritos são refeitos, no axexe com a intenção de liberar essas unidades espirituais, de modo que cada uma delas chegue ao destino certo, restituindo-se, assim, o equilíbrio rompido com a morte.

O ebori de um ÀBÍKÚ deve ser fortalecido e observado de 40 em 40 dias até o sétimo ano, se o axé for feito antes dos 3, se passou muito desta faixa deve ser avaliado de 40 em 40dias mas não tem um período mínimo de 7 anos mas sim de 9 anos.

Se for descoberta a situação a partir dos 13 anos a situação é bem mais complicada, pois imputaria a criança ÀBÍKÚ encarnada uma jornada de

sofrimento dos mais variados. Desde a saúde fragilizada até a parte financeira afetada. Na realidade haveria um rodízio de situações ao longo da vida, não dando condições da pessoa desfrutar desta vida.

Melhor seria resumir que a vida de um ÀBÍKÚ que consegue se manter vivo, uma vida de sofrimento dos mais variados, não tendo a mente deste elemento, descanso e paz. Pior que, quem esta a sua volta, sofre muitas vezes, sem perceber o efeito das vibrações destas entidades, que embora sejam infantis, podemos assim dizer, estão vinculadas a todas as entidades que se opõem a evolução do ser humano, através da reencarnação.

Os ÀBÍKÚ desencarnados se associam às entidades outras com a finalidade de fazer cumprir os contratos anteriores entre eles e os que estão encarnados, esquecendo-se da união, por estarem com o espesso véu da veste física.

Como coloquei anteriormente, a sorte (destino) pode ser modificada, numa certa medida, quando certos segredos conhecidos são aplicados de maneira correta e em tempo hábil. Dentre os elementos que podem ser utilizados, as folhas mensageiras são importantes, embora não tão usadas.

A próxima criança gerada pela mãe do falecido, se apresentar uma das marcas feitas no cadáver de seu irmão, com o lóbo duplo ou bipartido numa das orelhas, ou ainda, se possuir um sexto dedo num dos pés ou mãos, estará caracterizado a presença do ÀBÍKÚ, devendo ser imediatamente submetida aos rituais que lhe preservarão a vida e que, da mesma forma que os procedimentos relativos ao cadáver de seu falecido irmão, só podem ser ministrados por um sacerdote do culto de Ifá, Babalawo consagrado e especializado neste tipo de ritual.

Assegurado o nascimento da criança, e tendo esta, efetivamente nascida com vida, deverá então ser submetida aos rituais propiciatórios para que o espírito permaneça naquele corpo, com a garantia de que será aquela a sua última encarnação.

Um ebó será preparado, com um pedaço de tronco de bananeira vestido com roupas e gorros tingidos de osun e bordados de búzios e guizos.

Penduram-se tudo nos galhos de uma árvore e, no chão, arria-se ao redor do tronco, pratos ou alguidares de barro contendo inhame, acarajé, ekurú, akasá, canjica, doces, frutas, bebidas, folhas ritualísticas, tudo bem coberto com mel de abelhas.

Uma cabra, um pombo e um galo são sacrificados e arriados no local, onde permanecerão por algum tempo. Depois, embrulham-se os corpos dos animais sacrificados num pano branco, cobre-se com bastante pó de efun, amarra-se e enterra-se nas margens de um rio, ou despacha-se nas águas, de acordo com a orientação obtida através do oráculo.

Na confecção do ebó, não são utilizadas rezas ou cânticos, sendo exigida, isto sim, a presença dos pais biológicos do ÀBÍKÚ, que deverão saber o objetivo do

ebó. As mesmas folhas oferecidas no sacrifício serão utilizadas em banhos e na confecção de pós mágicos que serão esfregados nas incisões do ÀBÍKÚ e na preparação do amuleto que deverá acompanhá-lo pelo resto da vida. As folhas têm que ser consagradas antes de sua utilização e, para isso, possuem ofós específicos, que ressaltam suas qualidades e funções.

Estas são as plantas sagradas utilizadas em seus rituais:

- Abirikolo - à cascaveleira, também

conhecida como amendoim-do-mato, ou

ainda, xekeré.

- Agidimagbayin - walteria americana - Folha

de veludo, erva de soldado.

- Idi - Amendoeira.

- Ija - Osun - Bixa orellana, Lin.

- Lara pupa - Mamona vermelha.

- Olobutoje - Pinhão-da-Bahia.

- Opa emere - Dobradinha-do-campo.

Estes são os ofós de consagração de cada folha:

Abirikolo: Ewe abirikolo, insinu Orun e pehindá. (Folha abirikolo, coveiro do céu, retorne).

Agidimagbayin: Ewe agidimagbayin, Olorun maa ti kun, a a ku mo. (Folha agidimagbayin, Olorun fecha as portas do Orun para que não morramos mais).

Idi: Ewe idi lori ki ona Orun temi odi. (Folha idi, diga que o caminho do Orun está fechado para mim).

Olobotuje: Olobotuje ma je ki mi bi abíkú omó. (Folha de olobotuje, não me deixe parir filhos).

Opa emere: Opa emere kipe ti fi ku, yiomaa ewu ni, nwón ba ri opa emere. (Galho de emere não permita que eles morram - a vara de emere os apazigua).

Formalizado o pacto, a criança viverá normalmente, como qualquer ser

humano, só devendo morrer em idade bastante avançada.

Acredita-se que os seres humanos dotados de espírito ÀBÍKÚ, talvez pelo alto grau de evolução de seu ori, são dotados de muita inteligência e, no decorrer de suas vidas, transforma-se em verdadeiros líderes, dedicados ao bem estar de sua comunidade e principalmente dos seus familiares.

Obatalá participa das ligações que existem entre o orixá da criação, as pessoas de corpos mal formados, corcundas, aleijados, albinos e aqueles cujo nascimento é anormal (ÀBÍKÚ e ibeji).

Portanto, ao contrário que muitos falam, nada tem a ver com a criança que já nasce "feita" no santo.

Olorum fecha a porta para que não morram, mas sabemos que a criança vê coisas más em sonhos, criança chama seus companheiros, brinca com eles, briga, cobram a fidelidade e a promessa e eles dizem que quando sairam para este mundo, que não se esqueceriam deles, mas quando ele chegou ao mundo, ele os esqueceu. Seus companheiros chegam a beira do regato, eles chamam pelo companheiro.

Os pais atentos correm a procura dos babalawos, pedindo que Ifá os ajude, para que este ÀBÍKÚ não seja capaz de morrer, mesmo que seus companheiros o chamem e que ele não sejam capazes de encontrá-lo.

Se a família não corresponde com o carinho e as obrigações devidas, o chefe da sociedade (dos ÀBÍKÚ) no céu, parte para o mundo e ajuda a criança a partir. Estas crianças não escutam. Elas se vão.

Os rituais, embora antigos, passados de boca em boca, escondidos embaixo das unhas de pais e mães de santo, fagulhas espalhadas, de prática religiosa e cultural, que se adaptam e se aplicam ainda hoje através da sabedoria, associada à evolução tecnológica com muita propriedade.

No entanto existem rituais sabidos e antigos que não divulgarei por não aceitar, por acreditar ser rituais retrógrados que agridem, e estimulam mentes desorganizadas em nome de manter rituais dos antepassados e ortodoxos, manipulando assim dor e sofrimento com a desculpa de socorro e felicidade.

Quem esta desesperado, fragilizado e desejoso de um milagre pode aceitar o que considere, repito EU método inadequado.

A facilidade de hoje, através de exames radiológicos, confirmam com certeza situações que podem identificar um ÀBÍKÚ que esta comprometida em criar situações de sofrimento mãe-filho, exames que somados aos búzios ajudam a evitar sofrimento, amenizando as cargas energéticas grosseiras.

Ainda hoje e desde sempre, esperamos que perpetue-se o trabalho para a manutenção da vida em todas as suas formas, descartando o estímulo ao aborto, mesmo em situações de tratamento difícil, árduo, devendo a vida

prevalecer sempre.

Pela prática divinatória , através do jogo de búzios, podemos identificar, nos dias de hoje, muitos desses ÀBÍKÚS, que percebemos em uma segunda instância, passam a existir por ingerência do ser humano, através do aborto praticado em tempos passados, sob o véu de mil e uma desculpa, mas o sacrilégio, o martírio é o mesmo.

Ao praticar um aborto, eliminamos apenas o corpo denso, o físico, mas não eliminamos o espiritual, que sofrerá a carga detonadora de seu corpo físico, gerando indignação, e cobrança futura.

Mesmo uma criança deficiente, deve ter sua vida mantida, desde que seu espírito esteja ativo.

Tem a criança deficiente e ou ÀBÍKÚ o direito de nascer? Temos o direito de rejeita-los por problemas físicos, ou por larvas espirituais grosseiras?

... esta pergunta parece, à princípio, absurda, mas não é, e nos dias atuais é tema aberto, ainda que à " portas fechadas".

A concepção de aprimoramento através da reencarnação sucessiva, rompe sobre maneira, com o véu do comodismo relativo a aborto e ao deficiente, e claro sobre os ÀBÍKÚ.

A reencarnação rompe com a fumaça que esconde a confusão, esclarecendo e valorizando todas as experiências humanas, tornando possível que materialistas espiritualistas e pragmatistas ofertem a cultura social preciosos subsídios, porque prevê que o homem do futuro será um homem prático, com condições de solucionar, com grande margem de êxito, os problemas terrenos e imediatos, valorizando o mundo material, pois estará mais certo da imortalidade, entendendo assim o significado circunstancial.

Nós, esotéricos, espiritualistas, místicos e todos que pregam a reencarnação como forma de aprimoramento, resgate; não supervalorizamos o nascimento de uma criança deficiente, mas observamos como um reforço na comprovação de nossa teoria a respeito da finalidade evolutiva do ser humano.

Por este motivo a criança deficiente e os ÀBÍKÚS, sob o prisma místico, têm o direito a vida, nascer. Reencarnar é ter a chance de evoluir, e quanto mais cedo um espírito se aprimorar, evoluir, se reajusta ou se redime pelas vidas sucessivas, tanto melhor para ele, e para todos da sociedade ligado a ele, pois estamos todos comprometidos direta ou indiretamente.

Nossas necessidades, nosso destino e nossos erros são muitos parecidos, e na engrenagem das leis cósmicos – Karma - tem sido e vai sempre ser regra unânime.

Quem colocar obstáculos no caminho do seu semelhante, terá obstáculos iguais a transpor em sua jornada, daí então a necessidade de trabalharmos e

usarmos todos os meios possíveis para fazermos os ÀBÍKÚS membros de nossa sociedade.

Esta situação pode e deve ser tratado no seu campo espiritual, e os antigos nos legaram instrumentos para fazê-lo, através de ebós e oferendas específicas, que se vale do mesmo princípio dos antigos: "enganar" os ÀBÍKÚ.

Não vamos driblar as leis divinas, mas podemos alterar os casos não irreversíveis após o nascimento, mas durante a gestação e nos primeiros meses de vida, muita coisa pode e deve ser feita.

LENDAS:

Segundo a lenda, os ÀBÍKÚS vieram à terra, pela primeira vez, na localidade denominada Awaiye, trazidos por Alawaiye, rei de Awaiye e seu chefe no Orun.

O grupo era formado por 280 espíritos que, parando no portal do céu, fizeram diversos pactos, condicionando seu retorno a diferentes situações, que variavam de acordo com a escolha de cada um.

Desta forma, alguns estabeleceram a data de sua morte para depois que vissem pela primeira vez, o rosto de suas mães; outros, para quando completassem sete dias de nascidos; outros ainda, para quando começassem a andar; alguns, para quando ganhassem um irmão mais novo; outros, para quando se casassem ou construíssem uma casa. Havia aqueles que nascessem comprometidos a não aceitar o amor de seus pais e todos os presentes e agrados recebidos, seriam inúteis para retê-los na Terra, ao passo que alguns, se comprometeriam, simplesmente, a provocarem seus próprios abortos, não chegando sequer a nascer. Estabeleceram ainda que, se seus pais adivinhassem seus rituais, roupas e oferendas, e, se em tempo hábil os oferecessem, concordariam em permanecer neste mundo.

"Um caçador que estava à espreita, no cruzamento dos caminhos dos ÀBÍKÚ, escutou quais eram as promessas feitas por três ÀBÍKÚS quanto a época do seu retorno ao céu.

"Um deles promete que deixará o mundo assim que o fogo utilizado por sua mãe para preparar sua papa de legumes, se apague por falta de combustível. O segundo esperará que o pano que sua mãe utilizar, para carregá-lo nas costas se rasgue. A terceira (porque é uma menina ÀBÍKÚ) esperará, para morrer, o dia em que seus pais lhe digam que é tempo dela se casar e ir morar com seu esposo.



"O caçador vai visitar as três mães no momento em que elas estão dando a luz seus filhos ÀBÍKÚS e aconselha à primeira que não deixe se queimar inteiramente a lenha sob o pote que cozinha os legumes que ela prepara para seu filho; a segunda que não deixe se rasgar o pano que ela usa para carregar seu filho nas costas, que utilize um pano de qualidade diferente (dos que se usam geralmente para este fim); ele recomenda, enfim, a terceira, de não especificar, quando chegar a hora, qual será o dia em que sua filha deverá ir para a casa do seu marido.

As três mães vão, então, consultar a sorte, e Ifá, lhes recomenda que façam respectivamente as oferendas de um tronco de bananeira, de uma cabra e de um galo, impedindo, por meio deste subterfúgio, que os três ÀBÍKÚS possam manter seu compromisso.

Oferece-se um galo para o senhor dos caminhos, BARA LONA, que encombrirá o engodo, não despertando a curiosidade e nem a manifestação dos que estão no mundo espiritual. Porque, se a primeira coloca um tronco de bananeira no fogo, destinado a cozinhar a papa do seu filho, antes que ele se apague (o tronco de bananeira, cheio de seiva e esponjoso, não pode queimar) e o ÀBÍKÚ, vendo uma racha de lenha não consumida pelo fogo, diz que o momento de sua partida ainda não é chegado. A pele de cabra oferecida pela segunda, serve para reforçar o pano que ela usa para levar seu filho nas costas; a criança ÀBÍKÚ não vai achar que esse pano se rasgou e não vai poder manter sua promessa.

Quando chegou a hora de dizer à filha já uma moça, que ela deveria ir para a casa de seu marido, os pais não lhe disseram nada e a enviaram bruscamente para casa dele.

OS IBEJIS NASCEM COMO ÀBÍKÚS MANDADOS PELOS MACACOS

Era uma vez um fazendeiro que vivia caçando macacos, pois os macacos eram uma praga para o fazendeiro, devorando toda a sua lavoura.

O fazendeiro e seus filhos vigiavam a plantação e mesmo com uso de paus, pedras e flechas, não continham o ataque dos macacos.

O fazendeiro perseguia os macacos por toda parte, mas eles continuavam sua investida às safras. Eles criaram mil artimanhas para enganar o fazendeiro.

Nessa disputa, muitos macacos foram mortos, os sobreviventes persistiam.

Uma das esposas do fazendeiro ficou grávida. Veio então um vidente para adverti-lo. Ele disse que aquela matança de macacos era perigosa, pois os macacos eram sábios e tinham poderes. Disse que eles gerariam uma criança ÀBÍKÚ, aquela que nasce para morrer cedo.

Assim, logo depois do nascimento, a criança morreria e isso tornaria a acontecer de novo, num nascer para morrer sem fim, atormentando o fazendeiro até o último de seus dias.

O adivinho aconselhou o fazendeiro a deixar os macacos comerem em paz.

O fazendeiro ouviu, mas não se convenceu e continuou vigiando seus campos e caçando macacos na mata.

Os macacos decidiram mandar dois ÀBÍKÚS para o fazendeiro.

Dois macacos transformaram-se, então, em ÀBÍKÚ e entraram no ventre da esposa grávida do fazendeiro. Lá eles ficaram até a hora de nascer como gêmeos.



Eles foram os primeiros Ibejis a nascer entre os iorubás.

Foram os primeiros gêmeos.

Os Ibejis chamaram muito a atenção de todos.

Uns diziam que eram uma graça, outros, mau presságio.

Mas os Ibejis não permaneceram muito tempo vivos, logo voltando para junto dos que ainda não nasceram, pois eles eram ÀBÍKÚ.

O tempo passou e eles voltaram a nascer e morrer sucessivamente.

O fazendeiro estava desesperado com tamanha desgraça e foi consultar um

adivinho de um lugar distante, já que "santo" de casa não faz milagres... para saber a razão daquelas mortes.

O adivinho jogou os búzios e explicou o que estava acontecendo.

Também advertiu o fazendeiro que parasse de perseguir os macacos, deixando-os comer em seus campos. O fazendeiro voltou para casa e não mais perseguiu os macacos.

Sua esposa deu à luz outros Ibejis e eles não morreram. Mas o fazendeiro não tinha certeza ainda se as coisas tinham mudado mesmo e então voltou ao adivinho.

O adivinho jogou os búzios e disse que dessa vez as crianças não morreriam e tornariam a nascer como ocorreria antes.

Disse ainda que os Ibejis não são pessoas normais. Eles têm grandes poderes para gratificar e punir os humanos. Que recebessem tudo o que pedissem para que seus familiares tivessem vida boa.

Quando o fazendeiro voltou para casa, contou para sua esposa tudo o que tinha aprendido. E assim aconteceu e a família do fazendeiro prosperou e na velha aldeia de Ifá, tudo transcorria normalmente.

Todos faziam seus trabalhos, as lavouras davam seus bons frutos, os animais procriavam, crianças nasciam fortes e saudáveis. Mas um dia, a Morte resolveu concentrar ali sua colheita. Aí tudo começou a dar errado. As lavouras ficaram inférteis, as fontes e correntes de água secaram o gado e tudo o que era bicho de criação definhou. Já não havia o que comer e beber.

No desespero da difícil sobrevivência, as pessoas se agrediam umas às outras, ninguém se entendia, tudo virava uma guerra. As pessoas começaram a morrer aos montes.

Instalada ali no povoado, a Morte vivia rondando todos, especialmente as pessoas fracas, velhas e doentes. A Morte roubava essas pessoas e as levava para o outro mundo, longe da família e dos amigos. A Morte tirava a vida delas.

Na aldeia morria-se de todas as causas possíveis: de doença, de velhice, e até mesmo ao nascer. Morria-se afogado, envenenado, enfeitiçado.

Morria-se por causa de acidentes, maus-tratos e violência.

Morria-se de fome, principalmente de fome, mas também de tristeza, de saudade até de amor.

A Morte estava fazendo o seu grande banquete. Havia luto em todas as casas. Todas as famílias choravam seus mortos.

O rei mandou muitos emissários falar com a malvada, mas a Morte sempre respondia que não fazia acordos. Que ia destruir um por um, sem piedade. Se alguém fosse forte o suficiente para enfrentá-la, que tentasse, mas seu fim seria ainda muito mais sofrido e penoso.

Ela mandou dizer ao rei, por fim:

“Para não dizerem que sou muito rabugenta, até concordo em dar uma chance à aldeia, basta que uma pessoa me obrigue a fazer o que não quero. Se alguém aqui me fizer agir contra a minha vontade, eu irei embora, mas só vou dar essa oportunidade a uma única pessoa. Não vou dar nem a duas, nem a três.”
E foi-se embora dali, saboreando antecipadamente mais uma vitória.

Mas quem se atreveria a enfrentar a Morte? Quem, se os mais bravos guerreiros estavam mortos ou ardiam de febre em suas últimas horas de vida? Quem, se os mais astutos diplomatas havia muito tinham partido?

Foi então que dois meninos, os Ibejis, os irmãos gêmeos Taió e Caiandê, que os fofoqueiros da cidade diziam ser filhos de Ifá, resolveram pregar uma peça na horrenda criatura. Antes que toda a aldeia fosse completamente dizimada, eles resolveram dar um basta aos ataques da Morte. Decidiram os Ibejis:
“Vamos dar um chega-pra-lá nessa fedorenta figura.”

Os meninos pegaram o tambor mágico, que tocavam como ninguém, e saíram à procura da Morte. Não foi difícil achá-la numa estrada próxima, por onde ela perambulava em busca de mais vítimas. Sua presença era anunciada, do alto, por um bando de urubus que sobrevoavam a incrível peçonhenta. E o cheiro, ah, o cheiro! A fedentina que a Morte produzia à sua volta faria vomitar até uma estatueta de madeira.

Os meninos se esconderam numa moita e, tapando o nariz com um lenço, esperaram que ela se aproximasse. Não tardou e a Morte foi chegando. Os irmãos tremeram da cabeça aos pés. Ainda escondidos na moita, só de olhar para ela sentiram como os pêlos dos seus braços se arrepiavam. Mas podia-se dizer que a Morte estava feliz e contente. Ela estava até cantando! Pudera, tendo ceifado tantas vida e tendo tantas outras para extinguir.

Nesse momento, numa curva do caminho, enquanto um dos irmãos ficava escondido, o outro saltou do mato para a estrada, a poucos passos da Morte. Saltou com o seu tambor mágico, que tocava sem cessar, com muito ritmo. Tocava com toda a sua arte, todo o seu vigor. Tocava com determinação e alegria. Tocava bem como nunca tinha tocado antes. A Morte se encantou com o ritmo do menino. Com seu passo trôpego, ensaiou um dança sem graça. E lá foi ela, alegre como ninguém, dançando atrás do menino e de seu tambor.

O espetáculo era grotesco, a dança da Morte era, no mínimo, patética. Nem vou contar como foi a cena: cada um que imagine por conta própria. E é bem fácil imaginar.

Bem; lá ia o menino tocador e atrás ia a Morte. Passou-se uma hora, passou-se outra e mais outra. O menino não fazia nenhuma pausa e a Morte começou a se cansar. O sol já ia alto, os dois seguiam pela estrada afora, e o tambor sem parar, tá tá tatá tá tá tatá.

O dia deu lugar à noite e o tambor sem parar, tá tá tatá tá tá tatá.

E assim ia a coisa, madrugada adentro. O menino tocava, a Morte dançava. O menino ia na frente, sempre ligeiro e folgazão. A Morte seguia atrás, exausta, não agüentando mais. “Pára de tocar, menino, vamos descansar um pouco”, ela disse mais de uma vez. Ele não parava. “Pára essa porcaria de tambor, moleque, ou hás de me pagar com a vida”, ela ameaçou mais de uma vez. E ele não parava. “Pára que eu não agüento mais”, ela implorava. E ele não parava.

Taió e Caiandê eram gêmeos idênticos. Ninguém sabia diferenciar um do outro, muito menos a Morte, que sempre foi cega e burra. Pois bem, o moleque que a Morte via tocando na estrada sem parar não era sempre o mesmo menino. Uma hora tocava Taió, enquanto Caiandê seguia por dentro do mato. Outra hora, quando Taió estava cansado, Caiandê, aproveitando um curva da estrada, substituía o irmão no tambor. Os gêmeos se revezavam e a música não parava nunca, não parava nem por um minuto sequer. Mas a Morte, coitada, não tinha substituto, não podia parar, nem descansar, nem um minutinho só. E o tambor sem cessar, tá tá tatá tá tá tatá.

Ela já nem respirava: “Pára, pára, menino maldito.” Mas o menino não parava. E assim foi, por dias e dias. Até os urubus já tinham deixado de acompanhar a Morte, preferindo pousar na copa de umas árvores secas. E o tambor sem parar, tá tá tatá tá tá tatá, uma hora Taió, outra hora Caiandê.

Por fim, não aguentando mais, a aparição gritou: “Pára com esse tambor maldito e eu faço tudo o que me pedires.”

O menino virou-se para trás e disse: “Pois então vá embora e deixe a minha aldeia em paz.”

“Aceito”, berrou a nauseabunda.

O menino parou de tocar e ouviu a Morte dizer: “Ah! que fracasso o meu. Ser vencida por um simples pirralho. ”Então ela virou-se e foi embora. Foi para longe do povoado, mas foi se lastimado: “Eu me odeio. Eu me odeio.”

Tocando e dançando, os gêmeos voltaram para a aldeia para dar a boa notícia. Foram recebidos de braços abertos. Todos queriam abraçá-los e beijá-los. Em pouco tempo a vida normal voltou a reinar no povoado, a saúde retornou às casas e a alegria reapareceu nas ruas.

Muitas homenagens foram feitas aos valentes Ibejis. Mesmo depois de transcorrido certo tempo, sempre que Taió e Caiandê passavam na direção do mercado, havia alguém que comentava: “Olha os meninos gêmeos que nos

salvaram.”

E mais alguém complementava: “Que a lembrança de sua valentia nunca se apague de nossa memória.”

Ao que alguém acrescentava: “Mas eles não são a cara do Adivinho?”

Fonte: vetorial.net
Postado por Oyadeji

Abikú e Abiasé

ÀBÍKÚ Enfim a verdade...

Só mesmo um grande mestre como Pierre Verger para nos tirar da ignorância sobre este tema, através da sua pesquisa e coragem, cujo legado será eterno. Se uma mulher, em país yoruba dá à luz uma série de crianças natimortos ou mortas em baixa idade, a tradição reza que não se trata da vinda ao mundo de várias crianças diferentes, mas de diversas aparições do mesmo ser, (para eles maléfico), chamado àbíkú (nascer-morrer) que se julga vir ao mundo por um breve momento para voltar ao país dos mortos, órun (o céu), várias vezes. Ele passa assim seu tempo a ir e voltar do céu para o mundo sem jamais permanecer aqui por muito tempo, para grande desespero de seus pais, desejosos de ter os filhos vivos. Essa crença se encontra entre os Akan, onde a mãe é chamada awomawu (ela bota os filhos no mundo para a morte). Os Ibo chamam os abikú de ogbanje, os Hauças de danwabi e os Fanti, kossamah. Encontramos informações a respeito dos abikú em oito itans (histórias) de ifá, sistema de adivinhação dos yorubá, classificados nos 256 odu (sinais de ifá). Essas histórias mostram que os abikú formam sociedades no egbá órun (céu), presididas por Iyàjansà (a mãe-se-bate-e-corre) para os meninos e Olókó (chefe da reunião) para as meninas, mas é Aláwaiyé (Rei de Awaiyé) que as levou ao mundo pela 1ª vez na sua cidade de Awayié. Lá se encontra a floresta sagrada dos abikú, aonde os pais de abikú vão fazer oferendas para que eles fiquem no mundo. Quando eles vêm do céu para a terra, os abikú passam os limites do céu diante do guardião da porta, oníbodé órun, seus companheiros vão com ele até o local onde eles se dizem até logo. Os que partem declaram o tempo que vão ficar no mundo e o que farão. Se prometerem a seus companheiros que não ficarão ausentes, essas, crianças apesar de todo os esforços de seus pais, retornarão, para encontrar seus amigos no céu. Os abikú podem ficar no mundo por períodos mais ou menos longos. Um abikú menina chamada "A-morte-os-puniu" declara diante de oníbodé órun que nada do que os seus pais façam será capaz de retê-la no mundo, nem presentes nem dinheiro, nem roupas que lhes ofereçam, nem todas as cosias que eles gostariam de fazer por ela atrairiam os seus olhares nem lhe agradariam. Um abikú menino, chamado ilere, diz que recusará todo alimento e todas as coisas

que lhe queiram dar no mundo. Ele aceitará tudo isto no céu. Quando Aláwaiyé levou duzentos e oitenta abikú ao mundo pela primeira vez, cada um deles tinha declarado, ao passar a barreira do céu, o tempo que iria ficar no mundo. Um deles se propunha a voltar ao céu assim que tivesse visto sua mãe; um outro, iria esperar até o dia em que seus pais decidissem que ele casasse; um outro que retornaria ao céu, quando seus pais concebessem um novo filho, um ainda não esperaria mais do que o dia em que começasse a andar. Outros prometem à iyàjanjasà, que está chefiando a sua sociedade no céu, respectivamente, ficar n mundo sete dias, ou até o momento em que começasse a andar ou quando ele começasse a se arrastar pelo chão, ou quando começasse a ter dentes ou ficar em pé. Nossas histórias de ifá nos dizem que oferendas feitas com conhecimento de causa são capazes de reter no mundo esses àbíkú e de lhes fazer esquecer suas promessas de volta, rompendo assim o ciclo de suas idas e vindas constantes entre o céu e a terra, porque, uma vez que o tempo marcado para a volta já tenha passado, seus companheiros se arriscam a perder o poder sobre eles. É assim que nessas quatro histórias encontramos oferendas que comportam um tronco de bananeira acompanhado de diversas outras coisas. Um só dos casos narrados, o terceiro, explica a razão dessas oferendas: Um caçador que estava à espreita, no cruzamento dos caminhos dos àbíkú, escutou quais eram as promessas feitas por três àbíkú quanto à época do seu retorno ao céu. Um deles promete que deixará o mundo assim, que o fogo utilizado por sua mãe, para preparar sua papa de legumes, se apague por falta de combustível. O segundo esperará que o pano que sua mãe utilizar, para carregá-lo nas costas se rasgue. A terceira esperará, para morrer, o dia em que seus pais lhe digam que é tempo de ele se casar e ir morar com seu esposo. O caçador vai visitar as três mães no momento em que elas estão dando à luz a seus filhos àbíkú e aconselha à primeira que não deixe se queimar inteiramente a lenha sob o pote que cozinha os legumes que ela prepara para seu filho; à segunda que não deixe se rasgar o pano que ela usar para carregar seu filho nas costas, que utilize um pano de qualidade diferente; ele recomenda, enfim à terceira, de não especificar, quando chegar a hora, qual será o dia em que sua filha deverá ir para a casa do seu marido. As três mães vão então consultar a sorte, ifá, que lhes recomenda que façam respectivamente as oferendas de um tronco de bananeira, de uma cabra e de um galo, impedindo, por meio deste subterfúgio, que os três àbíkú possam manter seu compromisso. Porque, se a primeira instala um tronco de bananeira no fogo, destinado a cozinhar a papa do seu filho, antes que ele se apague, o tronco de bananeira, cheia de seiva e esponjosa, não pode queimar, e o abikú, vendo uma acha de lenha não consumida pelo fogo, diz que o momento da sua partida ainda não é chegado. A pele de cabra oferecida pela Segunda mãe serve para reforçar o pano que ela usa para levar seu filho nas costas a criança abikú não vai achar nunca que esse pano se rasgou e não vai poder manter sua promessa. Não se sabe bem o porque do oferecimento de um galo, mas a história conta que quando chegou a hora de dizer à filha já uma moça, que ela deveria ir para casa do seu marido, os pais não lhe disseram nada e a enviaram bruscamente para a casa dele. Nossos três abikú não podem mais manter a promessa que fizeram, porque as circunstâncias que devem anunciar sua partida não se realizaram tais como eles tinham previsto na sua declaração diante de oníbodé órun. Estes três abikú não vão mais morrer. Eles seguiram um outro caminho. Comentamos

esta história com alguns detalhes porque ilustra bem o mecanismo das oferendas e de sua função. Não é o seu lado anedótico (de lenda) que nos interessa aqui, mas a tentativa de demonstração de que em país yorubás, a sorte (destino) pode ser modificada, numa certa medida, quando certos segredos são conhecidos. Entre as oferendas que os retêm aqui, na terra, figuram, em primeiro plano, as plantas litúrgicas. Cinco delas são citadas nestas histórias: Abíríkolo (crotalaria lachnophera, papilolionacaae). Agídímagbayin (não identificada). Ídí (terminalia ivorensis, combretacae). Ijá àgborin (não identificada). Lara pupa (ricinus communis - mamona vermelha). Ainda mais duas plantas são freqüentemente utilizadas para reter os abikú e que não figuram nessas histórias: Olobutoje (jatropha curcas, euphorbiaceae). Òpá eméré (waltheria americana, sterculiaceae). A oferta dessas folhas constitui uma espécie de mensagem e é acompanhada por ofó (encantamentos). Em país yorubá, os pais para proteger seus filhos abikú e tentar retê-los no mundo podem se dedicar a certas práticas, tais como fazer pequenas incisões nas juntas da criança e aí esfregar atin (um pó preto feito com ossum, favas e folhas litúrgicas para esse fim) ou ainda ligar à cintura da criança um ondè, talismã feito desse mesmo pó negro, contido num saquinho de couro. A ação protetora buscada nas folhas expressa nas fórmulas de encantamento é introduzida no corpo da criança por pequenas incisões e fricções, e a parte do pó preto, contida no saquinho do ondé, representa uma mensagem não verbal, uma espécie de apoio material e permanente da mensagem dirigida pelos elementos protetores contra os elementos hostis, sendo essa forma de expressão menos efêmera do que a palavra. Em uma outra história, são feitas alusões aos xaorôs, anéis providos de guizos, usados nos tornozelos pelas crianças abikú, para afastar os companheiros que tentam vir buscá-los no mundo e lembrar-lhes suas promessas. De fato seus companheiros não aceitam assim tão facilmente a falta de palavra dos abikú, retidos no mundo pelas oferendas, encantamentos e talismãs preparados pelos pais, de acordo com o conselho dos babalaôs. Nem sempre essas precauções e oferendas são suficientes para reter as crianças abikú sobre a terra. Iyàjanjasà é muitas vezes mais forte. Ela não deixa agir o que as pessoas fazem para retê-los e porá tudo a perder o que às pessoas tiverem preparado. Contra os abikú não há remédios. Yiájanjàsá os atrairá à força para o céu. Os corpos dos abikú que morrem assim são freqüentemente mutilados. A fim de que, dizem, eles percam seus atrativos e seus companheiros no céu não queiram brincar com eles, sobretudo para que o espírito do abikú, maltratado deste modo, não deseje mais vir ao mundo. Essas crianças abikú recebem no seu nascimento, nomes particulares. Alguns desses nomes são acompanhados de saudações tradicionais. Eles podem ser classificados: quer nomes que estabeleçam sua condição de abikú; quer nomes que lhes aconselham ou lhe suplicam que permaneçam no mundo, quer em indicações de que as condições para que o abikú volte não são favoráveis; quer em promessas de bom tratamento, caso eles fiquem no mundo. A freqüência com que se encontram, em país yorubá, esses nomes em adultos ou velhinhos que gozam de boa saúde, mostra que muitos abikú ficam no mundo graças, pensam as almas piedosas, a todas essas precauções, à ação de Òrúnmìlà, e à intervenção dos babalaôs. ALGUNS NOMES DADOS AOS ABIKÚ: Aiyédùn - a vida é doce. Aiyélagbe - Nós ficamos no mundo. Akúji - O que está morto, desperta. Bánjókó - Senta-se comigo. Dúrójaiyé - Fica para gozar a vida. Dúróoríìke -

Fica tu serás mimada. Èbèlokú - Suplica para que fique. Ilètán - A terra acabou (não há mais terra para enterra-lo). Kòjékú - Não consinta em morrer. Kòkúmó - não morra mais. Kúmápáyìí - A morte não leva este daqui. Omotúndé - A criança voltou. Tìjúikú - Envergonhado da morte (não deixa a morte te matar). ITANS de IFÁ. É PRECISO CUIDAR DOS ABIKÚ, SENÃO ELES VOLTAM PARA O CÉU OFERENDAS PODEM RETER ABIKÚ NO MUNDO SUBTERFUGIOS PARA RETER OS ABIKÚ NO MUNDO MOSETÁN FICA NO MUNDO OLÓÌKÓ É O CHEFE DA SOCIEDADE DOS ABIKÚ ASEJÉJEJAIYÉ FICA NO MUNDO NA DÉCIMA SEXTA VEZ QUE ELE VEM OS ABIKÚ CHEGAM PELA PRIMEIRA VEZ EM AWAIYÉ ÍYÁJANJÀSÁ NÃO DEIXA OS ABIKÚ FICAR NO MUNDO. Estes itens completos são descritos numa edição da revista Afro - Ásia, em 14 - 1983, sob o título. *A SOCIEDADE EGBÉ ÒRUN DOS ÀBÍKÚ, AS CRIANÇAS NASCEM PARA MORRER VÁRIAS VEZES* As cerimônias para os abikú parecem ser pouco freqüentes entre os yorubás, a única assistida por Pierre Verger, a cerimônia foi feita pela tanyinnon encarregada do culto aos deuses protetores de uma família tradicional do bairro Houéta. Num canto da peça principal, oito estatuetas de madeira com 20 centímetros de altura e eram colocadas sobre uma banqueta de barro. Todos vestidos de panos da mesma qualidade, mostrando pela uniformidade de suas vestimentas, pertencerem a uma mesma sociedade (egbé). Seis destas estatuetas representam ábíkús e as outras duas ibeji. As oferendas consistiam de: oká (pasta de inhame). Obèlá (espécie de caruru). Èkuru (feijão moído e cozido nas folhas). Eran dindi, eja dindin (carne e peixe fritos). Depois da prece da tanyionnon e da oferenda de parte desta comida às estatuetas, foram distribuídas pela assistência. Uma sacerdotisa de Obatalá assistiu à cerimônia sublinhando as ligações que existem entre o orixá da criação, as pessoas de corpos mal formados, corcundas, alijados, albinos e aqueles cujo nascimento é anormal (àbíkú e ibeji). Portanto ao contrário que muitos falam nada tem a ver com a criança que já nasce "feita" no santo. ABIKÚ - CONSIDERAÇÕES DO AUTOR NOS TEMPOS DE HOJE. O legado dos antigos pelas suas crenças, histórias e ritos da sua prática religiosa e cultural, se adaptam e se aplicam em qualquer tempo, através da sua sabedoria, com muita propriedade. Em seu tempo, não há referências ao aborto, mas ao contrário, o esforço pela manutenção da vida, inclusive em quantidade. Pela prática divinatória através do jogo de búzios, nos dias de hoje identificamos muitos desses abikús, que percebemos em uma segunda instância, muitos são "criados", passam a existir por ingerência do ser humano através do aborto, é até simples de entender e ver por uma ótica e lógica astral/espiritual a qual simplesmente não podemos deletá-la da nossa mente e inteligência, ou na pior das hipóteses, ignorá-la. No instante em que o óvulo é fecundado pelo espermatozóide, esta nova matéria existente já é provida de alma e espírito, que os cristãos chamam de "anjo da guarda" e os yorubanos de "orixá" (guardião da cabeça), este fenômeno consta na teologia Yorubana, na lenda de Ajálá, que será comentada. Quando da execução do aborto propriamente dito, o ser humano supostamente, exerce o "seu direito" de eliminar aquele ser; mas somente a parte material, o corpo, por ele criado através do ato sexual de procriação, matando de forma definitiva o feto. Mas e o que por ele não foi criado, alma e espírito, onde fica, para onde vai? Esta análise via de regra não é feita ou levada em consideração, acaso haverá conseqüências? Seriíssimas, que aqui descrevemos com muita convicção, pautado nas mais diversas constatações através dos consulentes,

por mais de duas décadas, dos sintomas pós-aborto, a presença daquela "figura" que aparece de uma forma genética, oriunda de gerações passadas, os que são provocados e voltam ainda na mesma geração, e os que voltarão em nossos descendentes, e da forma mais imprevisível possível. A grande maioria de seres que nascem com deformidades, doenças graves, mortes prematuras... Tem grandes possibilidades de serem abikús fabricados pelo homem. Nos dias de hoje, quando morre uma criança ainda nova, há muita possibilidade de ser um abikú que está voltando ao "céu", bem como persiste a probabilidade de voltar em um próximo filho, ainda na mesma geração ou na próxima; quando uma criança fica muito doente e corre risco de vida, pode averiguar na família se já há caso de aborto ou morte prematura, é bem possível. As reações, mais da mãe que do pai, em caso de aborto, porque muitas vezes o pai não fica sabendo e não participa da decisão, na sua vida, no seu dia a dia são sintomáticas: desequilíbrio generalizado, na vida pessoal, no trabalho, em casa, nos estudos, nada dá certo, nada vai bem, angustia, depressão, pessimismo, falta de ânimo, aparentemente tudo deveria estar bem, mas as coisas não "vão". É a influência daquele "ser", que contrariando as leis da natureza foi "fisicamente" eliminado, o qual fica gravitando num outro plano próximo aos pais, afetando suas vidas com estes sintomas. Até mesmo por uma questão de justiça, não poderá um abikú que foi "gerado" por uma família, aparecer em outra, que nada tem a ver com o ato irresponsável de outros, e percebemos que uma criança que já nasce deformada de alguma forma, ou uma doença grave com morte, quem sofre realmente na sua plenitude são os pais, porque a dor interna é maior que a dor física, a criança já nasceu daquela forma, para ela que não sentiu e não sabe ser saudável, não percebe e não imagina como se sente alguém normal, portanto a sua dor ou problemas, para si é normal. Esta situação pode e deve ser tratado no seu campo espiritual, o antigo nos legaram instrumentos dentro da religião yorubá, para fazê-lo, através de ebós e oferendas específicas, que se vale do mesmo princípio aplicado nos países yorubanos, quer seja: "enganar" os abikús; Muito se pode melhorar e modificar, evidente que em alguns casos é irreversível após o nascimento, mas se detectado ou informado o babalorixá ou yialorixá competente, pelo que foi descrita, a mãe que poderia vir a ter um filho abikú, por meio desses ebós e oferendas pode-se evitar a vinda de um ser deformado ou com problemas sérios, que na realidade, nada mais é que um "retorno sob forma de castigo" de atos nossos ou de gerações passadas, de um processo que nunca foi tratado ou interrompido. Desta forma vê-se que o aborto é uma situação que transcende a ingerência das pessoas, pois é algo ligado diretamente à natureza, e conseqüentemente ao Seu Criador, modifica-se ou escapa da lei dos homens, mas não à Divina. Este é um fato porque nenhuma religião da terra permite o aborto Há UMA DISCÚSÃO EM TORNO DE ABIKÚ, O NASCIDO PARA MORRER, MAS TODOS ESTÃO AQUI PARA EXATAMENTE ISSO. NASCER PARA MORRER. MAS ANLISEM ESTE TEMA.. ASÉ A TODOS.. SIQUEIRA DE ODÉ E RCMI.

Diferença de Abikú e Abiasé

É costume na cultura Gêge Yorubá dar nomes especiais a certas crianças chamadas ABIKÚ, cuja a tradução é "nascido para morrer".Elas são

consideradas pela ancestral cultura africana como pertences a uma legião de "demônios" que moram nas florestas ou em torno das árvores de Iroko,a gameleira branca,ou ainda figueira chorona.È sábio que cada um desse abikús quando nascem já trazem consigo o dia e a hora em que vão retornar para o "outro lado da vida" para companhia dos seus "amiguinhos" das florestas de Iroko. Geralmente esse tempo é determinado entre o nascimento e os 7 anos de vida.Assim as providencias são tomadas para que essas crianças permaneçam no mundo dos vivos. Fazendo esquecer as datas, e conseqüentemente seus "amiguinhos do outro lado".Além de amuletos e magias feito nessas crianças , os quais vão desde símbolo,breves e patuás que são postos em suas pernas,braços e pulsos, pinturas destoantes são feitas em seu corpos de formam que transmitam sentimentos repulsivos para que assim os seus "antigos companheiros" do outro lado recusem uma nova ligação com "figuras deformadas" e os obriguem a ficar na vida.

Certos nomes significativos são dados a essas crianças ABIKÚS,para deixar claro que seus objetivos foram descobertos e antecipados:

NOMES DE ABIKÚ
1)Malómo - não vai embora novamente
2)Kosokó - Não existe mais pá (para cavar á sepultura)
3)Banjokô - Sente-se ou fique comigo
4)Durosimi - Espere para me enterrar (enquanto eu viver)
5)Jekiniyin - Permita que eu tenha um pouco de respeito
6)Akisatan - Não existe mais mortalha para sepultamento
7)Apará - Aquele que vai e vem
8)Okú - O morto
9)Igbekoyi - Nem a floresta quer a você
10)Enú-Kún-onipê - O consolador está desgastado
11)Akuji - Morto e acordado
12)Tijú-ikú - Envergonhe-se de morrer
13)Duró-orí-iké - Espere e veja como você será mimado

Festas especiais são feitas para esse tipo de crianças, nas quais o feijão fradinho e o azeite de dendê são fartamente distribuídos à todos como prato principal. Os abikús e outras crianças são convidas.

Assim como os "demônios" que as acompanham, para participarem dessas festas.Tal festa supostamente agradará aos "amiguinhos do outro lado" e os convencerá da permanência dos Abikús na vida normal, garantindo ainda os "amiguinhos" sempre um festim para seus deleites.

Os Abikús têm sido confundidos no Brasil com Abiaxé,que são as crianças nascidas "feitas de berço" e com missão espiritual.Os Abiaxés podem ou não refugar a missão espiritual na terra, retornando ao convívio de Olorún, dependendo unicamente do teor de compreensão que obtiverem de seus pais, mestres, tutores, cônjuges e etc...

Hipótese nº1 de ABIAXÉ - é oriundo de uma transmigração espiritual (morre em algum lugar, país,etc) e nasce na mesma hora ou horas depois em outro

lugar e outro corpo. Carecendo apenas de um ritual de confirmação ou coroação do Ibá Orí (três adoxos e tudo mais), conforme o cargo espiritual designado por Ifá. É oferecido á Olodumaré e Olorúm pelos seus pais ou tutores e jamais conseguirá fugir de seu odú (predestinação), sob pena de refugar á missão terrestre (morrer), missão esta que geralmente é politica, missionária social ou espiritual.

Hipótese nº 2 de ABIAXÉ - é "feito" (raspado) na barriga da mãe, quando está é recolhida para a "feitura" e está grávida. Aí a criança recebe todos os fundamentos que a mãe receber, independente da qualidade de Orixá, nascendo "feita" deste mesmo orixá e carecendo apenas da confirmação ou coroação, as quais seguem as mesmas ritualísticas do primeiro caso de abiaxé.

Os Abikús são classificados em quatro modalidades:

Abikú Inã ou Izô - do fogo - Esse abikú é o que "come" a cabeça mãe (mata-a) no nascimento, ou "come" a cabeça do pai por acidente posteriormente. É um dos mais difíceis abikús de trato, e traz consigo a má sorte pra quem com ele mantiver relacionamento permanente. O abikú de fogo geralmente aliena o segmento social no qual estiver envolvido e não raro desenvolve uma psicopatia irreversível após os 21 anos. Uma pesquisa feita no Brasil constatou que a maioria desses abikús ou foram doados ao nascer, ou foram adotados por de seus pais legítimos.

Abikú Omí ou Azín - da água - Esse é o tipo que nasce de 6,7 ou 8 meses. Geralmente explode a bolsa-d´água da mãe nesse período e vai para incubadora. Morre precocemente ou cresce e sai desse período critico. Se seus avós forem vivos, estará ligado a eles mais do que aos pais. Seu principio de abi (vida) decorre entre 1 á 3,5 anos e o seu processo de Ikú (morte) inicia-se entre 3 á 5. O retorno dos "amiguinhos" é feito pro afogamento, tuberculose, desidratação ou cólera. A forma de evitar esse retorno é usar um nome contrário ao nome que trouxe de útero e promover trabalhos de ordem espiritual propiciando ofertas aos odús (presságios).

Abikú Alé - da terra - Esse tipo segundo a ancestral cultura Yorubana, os mais trabalhosos para os sacerdotes e parentes, uma vez que está intimamente ligada aos "amiguinhos das florestas" que com freqüência o chamam de volta. Muitas vezes nasce pro cesariana, ou de parto normal sanguinolento. É uma criança agitada, com tendências á neuroses familiares. Tem condição congregaste e como o abikú do fogo, costuma "comer cabeças" não só de parentes, como de outras pessoas. Contrata-se esse abikú,usando o nome contrário ao seu objetivo e promovendo-se festas anuais nas quais existam o feijão-fradinho e dendê em abundância para todos.A forma de retorno também é por acidente em quedas de alturas ou por doenças de pele e órgão digestivo.O tempo de vida (se não tratado) oscila entre 4 e 8 anos.

Abikú Fefé - do vento - Esse tipo difere um pouco dos outros demais, por ser de especial origem no meio do convívio das pessoas. Ele destaca-se em todo o ambiente desde seu nascimento que em geral, foi inspirado ou não planejado.

Tem características próprias e pode ser facilmente induzido á manter-se na vida em face de sua instabilidade emocional inicial. Deve como os demais, ter um nome contrário ao fato constante instado ás delícias da vida. Por ter mais do que "amiguinhos" do outro lado, poderá ser salvo por Exú e Oyá na hora H.

Meu pai que lhe abençoe... a sua benção irmã Odesile - Gleice!!! Agradecido por sua felicitação.
Irmã, segue a explicação:
A palavra Abikú quer dizer "aquele que vive e morre e vive novamente" ou ainda "nascido para morrer".
Os Abikús são crianças que trazem a marca da "morte" ainda no ventre materno. Os Yorubás acreditam que os Abikús já trazem consigo o dia e a hora em que vão retornar para o "outro lado da vida".
De um modo geral, esse tempo é determinado entre o nascimento e os 7(sete) anos de vida. Na Nigéria assim que nasce um Abikú são tomadas providências imediatas para que essas crianças permaneçam vivas aqui no aiyé, ou seja, na terra.
Segue algumas das providências que são tomadas: assim que nasce a criança Abikú é levada e banhada num rio para que sejam afastados os espíritos que possam acompanhar essa criança.
Depois são feitas várias pinturas em determinadas partes do corpo da criança Abikú e são postos em suas pernas, braços e pulsos diversos amuletos que também servem para neutralizar os antepassados Abikús dessa criança.
Na verdade, só se nasce Abikú se tiver antepassado Abikú.

Agora, o que seria um Àbíasé?

O Àbíasé é a pessoa que recebeu todo o axé de feitura ainda na barriga da mãe, ou seja, quando a mãe estava recolhida, ela estava grávida. Daí esta criança ao nascer ser denominada de Àbíasé, não precisando portanto ser iniciada pois, como dizem dentro do culto, "já nasceu feita".

Sem mais para o momento, esperando ter atingido o objetivo da pergunta.

asé!!!

Mukuiu, Motumbá, Kolofé, a benção de todos os irmãos e irmãs.
Jorge T'Èsù * Bàbálóòrìsà Bàrádolòjú.

ÀBÍKÚ

Maio 17, 2008 por Manuela



Sucessivos abortos numa mesma mulher, partos seguidos da morte da criança recém nascida, morte de crianças ou jovens, repentinas e associadas a estágios significativos de vida, tais como mudanças nas fases de crescimento, aniversários, casamento ou nascimento do primeiro filho, são identificados como acontecimentos ligados aos Àbíkú.

O que é "Àbíkú"?

A tradução literal é "nascido para morrer" (a bi ku) ou "o parimos e ele morreu" (a bi o ku), designando crianças ou jovens que morrem antes de seus pais. Há, assim, dois tipos de Àbíkú: o primeiro, Àbíkú – omode, designando crianças e o segundo, Àbíkú – Agba, referindo-se a jovens ou adultos que morrem, via de regra, em momentos significativos de suas vidas e sempre antes dos pais, apresentando nisso uma alteração da ordem natural que socialmente é aceita e entendida como: aqueles que chegaram ao Aiyé (mundo físico) primeiro, voltam primeiro ao Orún (mundo espiritual). Nessa questão, além da lógica natural, está presente a garantia da continuidade no Aiyé e a certeza da lembrança e do culto ao ancestral que deixa descendentes que recontarão sua história ao longo dos tempos, garantindo sua "sobrevivência" na comunidade.

No Orún vive um grupo de crianças chamadas Emere ou Elegbe e este grupo constitui o Egbe Orún Àbíkú, ou seja, sociedade das crianças que nascem para morrer. Contam os mitos que a primeira vez que os Àbíkú vieram para a terra foi em Awaiye e constituíam um grupo de duzentos e oitenta, trazidos por Alawaiye, chefe deles no Orún. Na encruzilhada que une o Orún ao Aiyé, ikorita meta, todos pararam e vários pactos foram feitos, definindo o momento particular do retorno de cada um ao Orún. Alguns voltariam quando vissem pela primeira vez o rosto da mãe, outros quando casassem, um terceiro grupo voltaria quando completassem determinado tempo de vida, um quarto grupo voltaria quando tivessem o primeiro filho, e assim por diante. E o carinho dos pais, o amor que recebessem ou os presentes não seriam capazes de retê-los no Aiyé. Alguns assumiram o compromisso de que nem nasceriam. Esse pacto deveria ser cumprido e os seus companheiros no Orún manterem-se presentes

na sua vida, interagindo no seu dia a dia, para que não o esquecessem e retornassem ao Orún tão logo o momento pactuado ocorresse.

Como chega a ocorrer o nascimento ou a manifestação de um Àbíkú em uma gravidez? O Ioruba acredita que a acção do Àbíkú ocorre por determinação do destino da mãe, ou por força de magia/feitiçaria, ou por condições acidentais. O Prof. Sikiru Salami e a Profa. Dra. Iyakemi Ribeiro, na sua monografia "Ayedungbe: a terra é doce para nela se viver – rito na luta contra a morte de Àbíkú", definem essas condições acidentais como "aquisição inadvertida de um Àbíkú por uma mulher grávida que não tenha tomado os necessários cuidados para evitar isso". Existe a crença de que uma mulher grávida, ao passar por determinados locais em que os Àbíkú se estabelecem, se não estiver devidamente protegida, pode ver-se invadida por este "espírito" e tornar-se sujeita à gravidez de um Àbíkú. Por isso cuidados especiais são tomados pelas mulheres tão logo tenham consciência do estado de gravidez. Não é raro que mulheres grávidas carreguem junto a barriga um "ota", devidamente preparado, para evitar essa "invasão" por parte de um Elegbe. Sacrifícios, oferendas e rezas são feitas também com o objectivo de evitar que uma mulher tenha filhos Àbíkú ou que, grávida, venha a ser "invadida" por um deles.

Deixando de lado condições acidentais ou efeito de magia/feitiçaria, temos observado que a ocorrência de Àbíkú numa mãe invariavelmente repete uma história familiar que podemos reconhecer procurando os seus antecedentes. Ou seja, podemos procurar nos antecedentes familiares da mãe para constatar, invariavelmente, que este Àbíkú vem se fazendo presente na família, geração após geração, em linha directa ou não.

Outra questão interessante é que podemos afirmar com grande precisão que alguns Odú de nascimento predispõem a ocorrência de Elegbe. Assim, temos que mulheres regidas pelo Odú Ogundabede (Ogunda + Ogbe) são naturalmente predispostas a gerarem filhos Àbíkú e, identificadas, quando ainda não são mães, certas oferendas são realizadas e alimentos são-lhes dados para prevenir a ocorrência. Ebó igualmente é feito nas situações em que já geraram filhos ou planejam gerar – um preá é colocado acima da porta de entrada da casa e um peixe acima da porta de trás, para proteger os moradores da visita dos Elegbe que ali vêm em busca de seus companheiros. Neste caso, deixam de ter acesso ao interior da casa e levarão, no lugar da pessoa que vieram buscar, o preá e o peixe. Um Orin Egbe , cantiga dedicada a Aragbo ou Ere Igbo, Orixá protector das crianças Àbíkú, fala-nos desse Ebó.

Entendemos, assim, que Egbe é cultuado e louvado com a finalidade de defender as crianças da morte prematura e oferendas lhe são feitas para que "desistam" de levar os Àbíkú de volta para o Orún, sendo um de seus objectivos a questão da manutenção dessas crianças no Aiyé. Segundo o Prof. Sikiru Salami e a Profa. Dra. Iyakemi Ribeiro, na obra já citada, "… Estabelece-se assim um jogo de forças entre Aragbo e a comunidade de Àbíkú que deseja levar seus membros do Aiyé, mundo físico, para o Orún, mundo dos mortos, mundo espiritual.

Cultos e oferendas são realizados tanto para que a comunidade de Àbíkú abra mão de levá-los de volta, como para que Ere igbo os proteja de serem reconduzidos à terra espiritual.” Todas as pessoas nascidas dentro do Odú Ogundabede, homens e mulheres, devem cultuar Egbe. Entende-se também que quem o cultua evoca as suas bênçãos em benefício das crianças do núcleo familiar. Aliás, o culto de Egbe e suas festas trazem muita semelhança com as festas e o culto que se fazem para “Cosme e Damião” e que são, muitas vezes, confundidas com o culto do Òrìsà Ibeji. Este Òrìsà e Egbe (ou Aragbo) são de distintas naturezas, justificam abordagens e tratamentos diferenciados, têm formas particulares de serem louvados, são cultuados por diferentes razões e necessidades, e os seus cultos não podem ser confundidos sob pena de incorrermos em erro de fundamento.

Por último, dois aspectos são importantes de serem nomeados: o primeiro, diz respeito ao que podemos chamar de comportamento peculiar da criança Àbíkú. São, certamente, crianças que se distinguem por este aspecto. Segundo, a resistência, na nossa cultura, que os pais têm em aceitar o facto de terem um filho Àbíkú e a dificuldade consequente em lidar com esta criança e todas as necessidades decorrentes da luta pela sua permanência no Aiyé. Cabe aí um importante papel para o sacerdote que pode ajudá-los a compreender a questão, dar-lhes orientação e acompanhamento durante todo o processo.